

# LIVROS QUE FALAM: A FORMAÇÃO DO LEITOR NO BRASIL

**Palavras-Chave:** HISTÓRIA DA LEITURA, FORMAÇÃO DO LEITOR, ESCOLA

**Autores:**

**LUANA DOMINGOS CASAGRANDE [COTIL/UNICAMP]**

**LUCAS MEDINA PASCOAL [COTIL/UNICAMP]**

**MAINE CANDIDO TORRES [COTIL/UNICAMP]**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> CAROLINA MESSORA BAGNOLO (orientadora) [COTIL/UNICAMP]**

**Prof.<sup>a</sup> Esp. HELOISA HELENA WISTUBA BISINELLA DOS SANTOS (colaboradora) [COTIL/UNICAMP]**

---

## INTRODUÇÃO:

Da era dos jesuítas à era da informação, o leitor está presente em nosso país, mesmo destituído de amparo das instituições que, em tese, formariam-no: a família e a escola. Ou será que, por uma socialmente consensada ordem de relevância, escola e família? Observamos, a partir do questionamento inicial desta pesquisa de iniciação científica – como se deu o processo de formação do leitor no Brasil? –, que há vários fatores cuja relação com o leitor é, historicamente, de formação; dentre os quais podemos citar os observados nesse trabalho: escola, família, políticas públicas e redes sociais.

A relação de formação supracitada, no entanto, não parece ter sido muito efetiva, visto que, ainda hoje, o Brasil carece de uma cultura leitora estruturada, essa que poderia ser realidade do país, desde aproximadamente 1840, segundo Lajolo e Zilberman (2019) – por conta dos avanços de tipografias, bibliotecas, livrarias e, paulatinamente, da escolarização que ensaiava passos um pouco mais progressistas naquele momento.

Adicionalmente, após delinear algumas generalidades do projeto, como objetivo geral e foco temporal – séculos XIX, XX e XXI –, esmiuçamos os objetivos específicos em três tópicos:

- Analisar o contexto histórico do desenvolvimento do leitor no Brasil;
- Analisar os elementos envolvidos no processo de formação do leitor no Brasil, tendo como base as seguintes categorias: escola; políticas públicas; redes sociais; família;
- Divulgar o conhecimento produzido pela pesquisa por meios digitais.

Esse último objetivo foi empenhado a partir da já existente página do Instagram “Livros que falam”, criada em 2020. Dessa forma, nossa proposta de divulgação científica conta, até o momento, com 17 publicações no perfil @livrosque\_falam. Além da apresentação do projeto, os conteúdos das postagens tratam de temas lidos e discutidos durante a pesquisa bibliográfica e possuem títulos estratégicos para atrair a atenção dos internautas, como “De onde vem o leitor?” (post que tem um conteúdo histórico, com enfoque sobre a história da educação no Brasil e seus desdobramentos nos leitores), “O que é ser bom leitor?” (tem um conteúdo voltado às formas de ler, extraído de um livro da professora Angela Kleiman), “Pisa no Brasil” (tem conteúdo estatístico e trata dos índices do Programa Internacional de Avaliação de Alunos) “O que faltou para o Brasil ser leitor?”, “As concepções do leitor” e “Mediadores de leitura: Como ser um?”. Desde o início da divulgação, datada no dia 2 de janeiro, até o último dia de fevereiro, 9.835 contas foram alcançadas.

## METODOLOGIA:

A metodologia utilizada foi, sobretudo, a pesquisa bibliográfica, baseada em artigos científicos e livros que tratam do tema proposto. Além disso, fizemos uma pesquisa de campo, direcionada aos alunos do Colégio Técnico de Limeira (COTIL), da Unicamp. Dos cerca de mil e quinhentos alunos da instituição, foram coletados 297 questionários, os quais auxiliaram no processo de entendimento dos artigos e foram usados no cruzamento de dados e na tentativa de globalização dos mesmos em um modelo que traduzisse o *status quo* da leitura no Colégio.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da pesquisa bibliográfica, pudemos traçar hipóteses e concluir certos pensamentos, dentre os quais se destacam: o leitor, historicamente, não foi formado por apenas um fator. Assim, diversos fatores - como os observados: escola, família, políticas públicas e, mais recentemente, redes sociais - auxiliaram ou desestimularam o estabelecimento de uma cultura leitora em território brasileiro. Além desse argumento, concluímos, como a maioria – senão a completude – dos pensadores da área de conhecimento estudada, que o Brasil, mesmo tendo, desde 1840, oportunidade de formar uma cultura leitora, vê-se ainda submerso em disputas movidas por bandeiras político-ideológicas, as quais impossibilitam falar de educação, e mais ainda de leitura, de forma legítima e sem conflitos de interesses.

A partir da pesquisa de campo, como já dito, direcionada a um público adolescente, – de maioria entre quinze e dezoito anos – pudemos analisar e interpretar o seguinte: o gráfico de setores ao lado apresenta a percentagem de leitores e não leitores autodeclarados no Colégio. Dos 296 respondentes, 56,1% se consideram leitores, enquanto 43,9% se consideram não

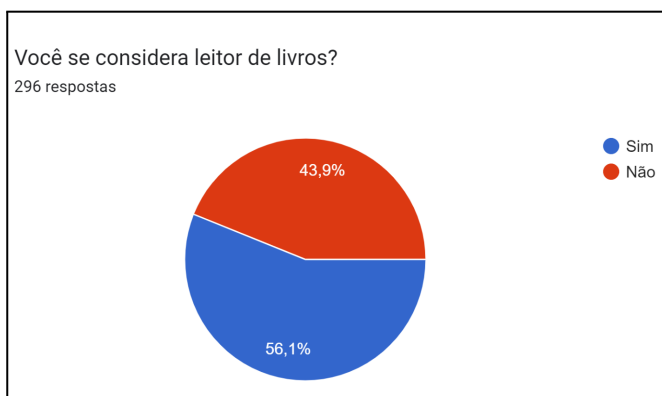


Gráfico 1 - Você se considera leitor?

leitores. Curiosamente, com a apresentação do conceito de leitor oriundo da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, coordenada pela socióloga Zoara Failla, os números se alteraram bastante: os quase 44% não leitores passaram a ser 17,2%. Dado isso, apreende-se que muitos alunos não se reconhecem, por si só, leitores; mas a apresentação de um conceito para tal auxilia na mudança dos dados. Em comparação com o cenário nacional, que tem aproximadamente 52% da população entendida leitora, o Cotil apresenta dados mais significativos, que excedem em 30,8% a estimativa de leitores no país. Portanto, parece haver indícios de uma comunidade leitora mais concretizada no Colégio em relação aos dados do Brasil.

Além disso, pudemos hipotetizar – novamente a partir de análises de gráficos e tabelas – que a escola não tem sido, na percepção dos respondentes, um estímulo positivo no seu processo de leitura. Ela está em primeiro lugar, com 23,6% de pontos, como o elemento de maior impacto negativo na formação de leitores, provavelmente pelo seu histórico de conduta rígida quanto aos livros e pouco dinâmica na forma de encarar a literatura. Em segundo lugar, acham-se as redes sociais e os amigos, com percentagem 14,1%, número esse que é, possivelmente, produto da carência do tema da leitura nas redes sociais e da falta de conversas, sobre a mesma, entre amigos. Por fim, aparece a família com 12,1%, proporção razoavelmente interessante para visualizarmos que as famílias, por terem grande poder influenciador de leitores, tem feito bem o papel de, ao menos, não desmotivar os alunos do Colégio. Ademais, fizemos um gráfico

que mostra o impacto positivo dos elementos – escola, família, redes sociais e amigos (esse último incluído apenas em algumas perguntas do questionário) –, sobre os alunos do Colégio. Vamos, por enquanto, destacar a linha vermelha, a qual representa a escola, no gráfico ao lado.

Podemos observar que sua influência positiva decai de forma inversamente

proporcional, em relação à quantidade de livros lidos pelos estudantes, ou seja, quanto mais o aluno lê, menos incentivo à leitura ele recebe, por parte da instituição escolar. Para os grupos de leitores que não leram nenhum ou parte de um livro, seu impacto positivo permanece abaixo de 3 pontos, mas sobe para 3,43 pontos - seu ápice - no grupo daqueles que leram um livro. A partir disso, a percepção de seu impacto cai para 3,21; depois 3,0 e por fim 2,25 pontos no grupo daqueles que leram mais de 10 livros.

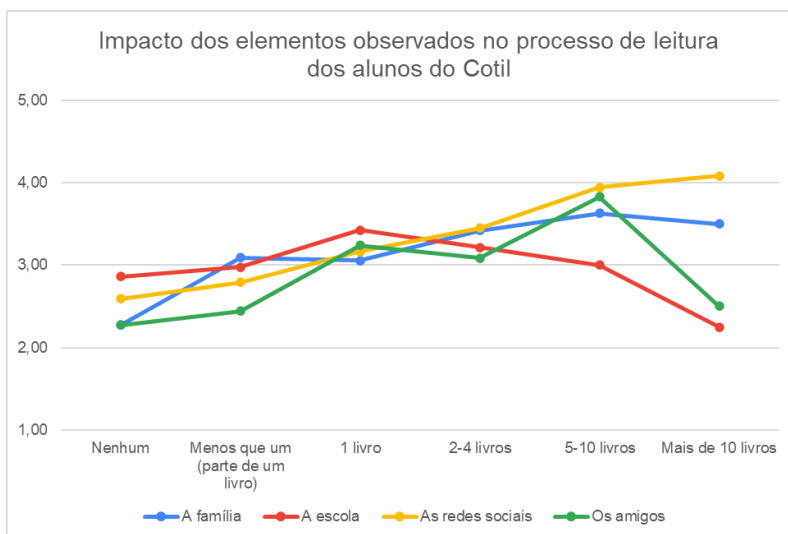


Gráfico 2 - Impacto dos elementos observados no processo de leitura dos alunos do Cotil

## CONCLUSÕES:

A imagem do país não leitor que o Brasil dispõe nacional e internacionalmente, como evidenciada na pesquisa “Retratos da Leitura”, antes citada, é uma das consequências dos impasses historicamente construídos e mantidos, que dificultaram a ascensão de uma cultura leitora a partir do ambiente escolar, familiar e das políticas públicas.

Constatamos durante o estudo que o leitor necessita de modelos de leitores e de um ambiente propício à leitura para engajar-se no hábito. Diversas vezes, esses modelos são pais ou professores (OLIVEIRA; BATISTA, 2018). Sem esses exemplos, imprescindíveis especialmente na infância e na adolescência, as pessoas não chegarão, em geral, a manter o hábito. A leitura é avaliada em importantes programas, como o Programa Internacional de Avaliação de alunos, e quando seus dados foram divulgados, em 2018, era apenas de 2% a média dos alunos que atingiram níveis de proficiência na habilidade “leitura” no Brasil. Em outros países participantes do Programa, 16% dos alunos atingiram tais níveis.

Informações como essas foram essenciais para a pesquisa, de modo que pudemos estabelecer um panorama sobre como o Brasil está e como poderia estar. Vemos, por fim, na imagem da literatura digital e das novas práticas concebidas no mundo virtual, que há possibilidades de aliar a cultura da internet com a formação de leitores, como afirmam Souza e Schlindwein (2018), e que tal modalidade pode até mesmo ampliar a significação do texto pelo leitor, expandindo sua capacidade interpretativa, além da vontade de partir para a leitura do texto no suporte impresso. Os autores exploram o hiperconto, tipo de conto vinculado no suporte midiático; hipermodal, mas, ainda assim, apresentado com elementos do conto comum: curto, com poucos personagens, história e clímax únicos. A diferença maior em relação ao conto comum é que se baseia na interação do leitor com o texto, o que torna a experiência mais imersiva, na visão dos pesquisadores. Avalia-se esse tipo de leitura como um passo para a manipulação do texto impresso, o qual pode ser o destino final do leitor que inicia sua jornada no ambiente virtual.

Em suma, é possível visualizar a era virtual como possível brecha para o desenvolvimento de uma cultura leitora no país, visto que é o plano temporal sobre o qual se afirma o leitor 2.0, como pontuado por Mestre (2017), que vem a ser, no contexto da pós-modernidade, mais imersivo e desfrutador de uma leitura “intensa, rápida e dinâmica” (p.3), não necessariamente praticada numa biblioteca ou sala de aula. O hiperconto, uma das faces da literatura digital na atualidade, tem sido um dos caminhos desse leitor digital e ancora-se na transformação necessária que pode e deve ser feita na literacia – seja essa as habilidades de leitura e escrita – e na educação desse país.

## BIBLIOGRAFIA

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2021.

INEP, 2019. **Censo Escolar 2018**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_e\\_statisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_e_statisticas_censo_escolar_2018.pdf)>. Acesso em: 07 de março de 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

OLIVEIRA, Mônica Luiza Lages de; BATISTA, Geisa Mara. Breve história da leitura escolar no Brasil: a formação de leitores. **Papéis**, Revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagens - UFMS, Campo Grande, Vol. 22, n. 44, p. 64 -85, 2018.

SOUZA, José Batista de; SCHLINDWEIN, Ana Flora. Os desafios da formação do leitor contemporâneo e a literatura digital. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v.18, n.2, 2018.